

A ESCOLHA DO PARCEIRO AMOROSO E AS PRÁTICAS CONJUGAIS ENTRE NIKKEIS BRASILEIROS

Ana Sayuri Ribeiro Waricoda¹

RESUMO

Esta pesquisa investigou as concepções de parceiro amoroso e as práticas conjugais para descendentes de japoneses, de ambos os sexos, casados e separados, e abordou assuntos relacionados à escolha do parceiro amoroso, ao casamento e à vida conjugal doméstica. Para a análise dos dados utilizou-se a técnica da Análise de Conteúdo e o aporte das Teorias de Gênero. A análise indicou influências da cultura brasileira tradicional, do amor-romântico e do individualismo sobre o discurso dos entrevistados, além de influências culturais tradicionais japonesas. Foram observadas diferenças de gênero principalmente no discurso feminino, que indicou haver dificuldade dos parceiros em aceitar a independência financeira da esposa e a divisão de tarefas. Ainda assim, três dos quatro entrevistados relataram dividir as tarefas domésticas e valorizar a realização profissional da esposa.

Palavras-chaves: Japoneses, casamento, gênero.

CHOOSE A LOVING PARTNER AND PRACTICES AMONG CONJUGAL JAPANESE- BRAZILIAN

ABSTRACT

The research investigated the Japanese-Brazilian concepts of loving partner and practices of marriage, of both sexes, married and separated, and we dealt with issues related to choice of love partner, marriage and domestic life. For data analysis we used the technique of content analysis and the contribution of the Theories of Gender. The analysis suggests the influences of traditional Brazilian culture, romantic-love and individualism on the speech of the interviewed, as well as traditional Japanese influences. Gender differences were observed mainly in female discourse, which indicates that there is difficulty to the partners in accepting their financial

¹ Ana Sayuri Ribeiro Waricoda, anasayuriw@gmail.com, Faculdade Pitágoras de Jundiá, Rua São Bento, 41 - Centro, Jundiá - SP, 13201-033, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo.

independence and the division of tasks. However, three of four respondents indicated divide the household chores and raise their professional wife achievement.

Keywords: Japanese-Brazilian, marriage, Gender.

INTRODUÇÃO

Na verdade o casamento foi uma coisa bem simples, só mesmo com os padrinhos, né? É porque na época não dava pra fazer nenhuma festa mesmo, né! [...] Nossa ideia era casar e ir pro Japão. (André)

Os movimentos migratórios entre Japão e Brasil veem sendo alvo de várias pesquisas que discutem importantes dados sobre a vida desses migrantes, como a decisão de migrar, a adaptação à cultura brasileira e japonesa, dificuldades enfrentadas e as expectativas futuras (Kawamura, 2008, Sakurai, 2007, Ninomiya, 2002, Lesser, 2001, Sasaki, 2006, Rossini, 2006). Mesmo havendo estudos sobre a migração japonesa no Brasil, ainda são poucos aqueles que discutem gênero, como afirma Birello e Lessa (2008), e é considerada ainda maior a lacuna quando se pensa no estudo dos brasileiros descendentes de japoneses que não emigraram, ou seja, continuam vivendo no Brasil e constituem uma importante parcela da população.

O presente estudo analisa a escolha do parceiro amoroso e algumas práticas conjugais dos nikkeis [descendentes de japoneses nascidos fora do Japão] que integram a sociedade brasileira, com o objetivo de compreender um pouco mais sobre as influências culturais brasileiras e japonesas, principalmente, sobre essas pessoas, através do aporte das teorias de gênero, com foco no feminino devido às limitações de espaço para esse artigo.

Há cento e dois anos atrás, os primeiros imigrantes japoneses chegavam ao Brasil com a esperança de ganhar dinheiro e rapidamente voltar

para o Japão ricos. No entanto, seus planos foram frustrados, pois, as chances de acumular dinheiro rápido eram mínimas. Foi nas lavouras brasileiras que eles encontraram outra realidade, depararam-se com a impossibilidade de voltar ao país de origem e reatar os laços familiares lá deixados (Sakurai, 1993; Ninomiya, 2002; Wawzyniak, 2009). Obrigados a se adaptar, os japoneses desenvolveram estratégias para diminuir o preconceito racial que havia contra eles, supervalorizando conceitos tradicionais de honra, retidão, honestidade, entre outros.

Em meio à adaptação dos japoneses, no Brasil modificava-se a maneira de conceber o casamento e surgia no cenário ocidental a ideologia do amor romântico, que tornava possível se casar com quem se amava. Assim, diferente do modelo de casamento tradicional, em que os pais escolhiam o futuro cônjuge, no início do século XX existia a possibilidade de viver o grande amor na relação conjugal no ocidente, realidade que não atingiu de imediato a população nihonjin [imigrantes japoneses], visto esta se esforçar para manter os costumes japoneses tradicionais. Os nihonjins casavam-se entre si, sendo a escolha do cônjuge uma decisão tomada pelos pais dos noivos, como era o costume japonês, e somente a partir de 1950 a escolha do parceiro deixou de ser apenas dos pais e passou para os noivos. A prática mais comum era o *miai* [encontros promovidos por uma terceira pessoa, bastante influente na colônia japonesa, em que eram apresentados entre si jovens pretendentes ao

casamento], mas ainda assim, eram discriminados aqueles que casassem com brasileiros(as) (Suda, 2005), o amor acontecia durante a vivência conjugal e se estendia a toda a família.

Em 1970, no Japão os movimentos feministas incentivaram as japonesas a buscar igualdade e a questionar o sistema patriarcal tradicional, que ainda as cerceava na esfera doméstica (Sakamoto, 1999). Na década de 1990 houve um crescimento significativo da participação da mulher no mercado de trabalho japonês (Figueroa-Saavedra, 2004), mas apesar de passar por mudanças intensas e lentas, a estrutura familiar japonesa continuou nuclear, com o lugar de esposa e esposo tradicionalmente mantidos. Quando a vida profissional do esposo vai mal, os japoneses supõem que este deve estar sendo mal cuidado pela esposa, ou que esta não se dedica como deveria. A esposa é, então, a responsável pelos cuidados com o marido, filhos e lar, sendo quem responde pelo desempenho profissional do cônjuge além de administrar as finanças familiares [o salário do esposo], de maneira que este não tenha que se ocupar com qualquer outra coisa senão com seu trabalho fora de casa. No Japão, faz parte do ciclo vital da mulher estudar, trabalhar e se casar para constituir uma família (Sakurai, 2007).

Quanto à atualidade, os papéis de esposa e esposo mantêm-se tradicionais, o que provocou mudanças: os japoneses representam a parcela da população mundial com maior declínio do casamento e das taxas de fertilidade (Nemoto, 2008). O casamento tardio e até mesmo a desistência de se casar são justificados por alguns fatores como a possível insatisfação feminina com a vida doméstica, a obrigação de deixar a carreira profissional ao se casar e se dedicar ao lar e por não desejar abandonar a casa dos pais, que em sua

maioria possui ótima situação financeira e oferece mais conforto que a do futuro marido (Ueda, 2007; Nemoto, 2008; Raymo & Ono, 2009).

Do outro lado do mundo, no Brasil, com o início da década de 1970 os movimentos feministas ganharam força e afetaram os relacionamentos amoroso e matrimoniais (Torres, 2001; Araújo & Scalón, 2006; Hirata, 2002; Sorj, 2005). O país presenciou profundas mudanças na estrutura familiar, marcadas pelo aumento do número de famílias monoparentais, principalmente formadas por mães e filhos, diminuição do número de famílias nucleares [formadas pela presença do casal e filhos], aumento do número de separações e diminuição das taxas de fecundidade (Sorj, 2005). Alguns autores consideram essa fase pós-nuclear negativa, visto estar associada à passagem do amor-romântico para uma ideologia individualista, sugerindo ser um retrocesso e a responsável pela descrença na família como instituição (Medeiros, 2002).

Para Goldani (1994), o individualismo concentra a atenção das pessoas na insegurança e preocupação com situações objetivas da vida, contribuindo para que elas deixem de pensar com profundidade sobre as contradições e desigualdades da sociedade.

Outra visão sobre as relações familiares no individualismo ocidental é a de Giddens (1993), que defende o individualismo como uma oportunidade aos homens e mulheres de se tornarem protagonistas de suas relações conjugais e familiares, já que para o amor romântico o foco é o outro e não o próprio indivíduo: a felicidade só é possível através da completude que o outro oferece. Essa possibilidade de autonomia colabora com uma ruptura com as tradições que destinam ao

homem o poder nas relações, reatualizando as discussões sobre as consequências do individualismo na modernidade (Medeiros, 2002). Não se trata de egoísmo como argumentam outros autores, mas de um pensar em si considerando os direitos e deveres conjugais e familiares, na medida em que socialmente cada vez mais se reflete sobre temáticas como violência doméstica, dificuldades subjetivas e a realização individual (Medeiros, 2002). Para Giddens (1993), a mudança da estrutura familiar nuclear para a monoparental não se caracteriza como esfacemento familiar, mas sim, um ganho de autonomia individual que se define não pela manutenção de papéis tradicionais de esposa e esposo, mas através da responsabilidade e solidariedade com o outro.

Este artigo compartilha a opinião de que homens e mulheres ainda não abandonaram alguns traços tradicionais, mas, em contrapartida, alguns brasileiros já conseguem posicionar-se de maneira individualista, procurando deixar de lado as exigências sociais clássicas feitas aos cônjuges. Isto implica em repensar os direitos e deveres e sua posição na relação amorosa de maneira mais igualitária, mas ainda não impede que se mantenham problemáticas sociais consequentes das desigualdades de gênero, como a violência sexual e doméstica.

Torres (2001) realizou uma pesquisa sobre a imagem da mulher em Portugal, e relata ter se surpreendido com a nitidez de seus resultados que indicam uma mulher companheira do esposo e igual em direitos e deveres. Esta autora discute que apesar da sobrecarga quanto ao trabalho assalariado e o doméstico, devido às conquistas femininas é possível perceber nas mulheres entrevistadas um aumento da autoestima, da confiança

em si e sentimentos de realização pessoal, mesmo se pagando um preço caro por isso. Araújo e Scalon (2006) explicam que ainda se mantém uma visão da “mulher cuidadora” e do “homem provedor”, mas os trânsitos entre público e doméstico são uma conquista contemporânea alcançada. Contudo, as autoras também ressaltam que esses ganhos não são consequências apenas das alterações nas estruturas familiares, mas também socioeconômicas.

“A distinção entre homem e mulher é um fato sempre presente; determina a experiência, influi na conduta e estrutura expectativas” (Pinsky, 2009, p. 162). Vários autores afirmam também que as culturas e os contextos afetam as relações conjugais e familiares (Hirata, 2002, Torres, 2001; Gianórdoli-Nascimento & Trindade, 2002; Araújo & Scalon, 2006), e foi partindo desse pressuposto que se pesquisou como as culturas brasileira e japonesa podem afetar as práticas conjugais e a escolha do parceiro, ao analisar para tanto, os nikkeis, que em sua maioria cresceu em meio a rituais e práticas japoneses mantidos pelos avós e pais, mas também sob a influência brasileira, ao dividir espaços com pessoas não descendentes com quem estudam, trabalham e amam.

MÉTODO

Para participantes foram entrevistados quatro mulheres, sendo duas casadas e duas separadas, e quatro homens casados, descendentes de japoneses, residentes no interior do estado de São Paulo, com idades entre 29 e 41 anos. Este grupo caracteriza nikkeis de terceira geração, ou seja, netos e netas brasileiros de japoneses. O grupo foi escolhido por representar uma parcela de descendentes mais integrada aos costumes do Brasil, devido à amenização das dificuldades de

adaptação entre os brasileiros em geral, e por constituírem uma parcela ainda pouco pesquisada.

Como instrumento foi realizada uma entrevista baseada em um roteiro semiestruturado, gravada, com cada participante, contendo os dados pessoais – idade, sexo, cidade em que reside, estado civil, classe social – e questões que abordaram os seguintes tópicos: escolha do(a) parceiro(a), namoro, casamento, amor, vida conjugal e fidelidade. As entrevistas foram agendadas nos horários e locais de acordo com a disponibilidade de cada participante.

Para a coleta de dados, as entrevistas se realizaram em locais e horários definidos pelos participantes. Num primeiro momento foram apresentados os objetivos da pesquisa e, após esclarecimento das dúvidas, solicitou-se a cada participante que lesse e assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Ressaltou-se que não existiam respostas certas ou erradas e que o objetivo da coleta dos dados era exclusivamente acadêmico, sendo garantido o sigilo quanto aos nomes dos participantes.

Foram seguidos os padrões éticos da Resolução 196/96 do CNS – Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre a realização de pesquisa com seres humanos. Caso algum participante sentisse algum incômodo ou apresentasse qualquer tipo de mal-estar, a entrevista poderia ser interrompida e sua participação encerrada ou continuada em outro momento. No entanto, não houve situações de desconforto visível dos participantes. Pelo contrário, após as entrevistas alguns relataram ter gostado da experiência por pensarem sobre a vida conjugal e repensarem suas escolhas do passado e para o futuro.

Para a análise das entrevistas, utilizou-se a Análise de

Conteúdo proposta por Bardin (2002, p. 42), que se constitui em:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Dentre as técnicas propostas para a Análise de Conteúdo, utilizou-se a análise temática, que consiste na identificação e análise de temas contidos no texto de cada entrevista. Após serem entendidos os temas são organizados em “unidades de significação”. Para tanto, as entrevistas foram transcritas e lidas de maneira “flutuante” procurando obter uma visão geral de seu conteúdo. A partir disso, foram relidas exaustivamente para identificar as unidades de significação relacionadas a aspectos considerados importantes para esta pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir serão discutidas as unidades de significado como propõe Bardin (2002) e utilizados como ilustração trechos das transcrições das entrevistas realizadas para essa pesquisa. Foram atribuídos nomes fictícios aos participantes, procurando preservar o anonimato dos mesmos e apresentadas algumas informações complementares sobre cada um.

No momento da entrevista André tinha 35 anos, formação superior completa e era pai de um filho. Tiago, 38 anos, ensino médio completo e pai de dois filhos. Gustavo tinha 37 anos, ensino médio completo e dois filhos.

Bruno possuía 35 anos e ensino médio completo e tinha dois filhos. Todos os quatro participantes eram casados, e consideravam-se de classe média. Quanto às mulheres entrevistadas, Marina tinha 41 anos, ensino fundamental, era separada e tinha três filhos. Bianca, 29 anos, tecnóloga, casada e não tinha filhos. Carina tinha 39 anos, ensino superior, era separada e tinha duas filhas. Lia, 38 anos, ensino superior, separada e tinha uma filha. Bruno e Carina são irmãos. Gustavo e Marina nunca foram ao Japão, sendo que todos os outros migraram por um curto período de tempo para juntar dinheiro e voltar ao Brasil onde residiam na época da entrevista. Os oito participantes eram sanseis [terceira geração de descendentes de japoneses].

Japonês com brasileiro - mistura proibida?

Na história da imigração japonesa, japoneses e seus descendentes preservavam a cultura e as tradições mantendo a colônia unida, o que significava que casamentos com brasileiros não eram bem vistos. Nas entrevistas, pode-se notar uma mudança principalmente no discurso masculino, e a presença de aspectos tradicionais em grande parte do discurso feminino. Entre as pessoas entrevistadas, todos os homens indicaram preferir se relacionar com mulheres não descendentes e foi unânime a afirmação da existência de uma tradição imposta pela família e pelas pessoas da colônia para namorarem e se casarem com mulheres da mesma descendência. Este resultado corrobora com a afirmação de Suda (2005, p. 19) sobre ser mais frequente a união entre homens japoneses e mulheres brasileiras, que homens brasileiros com mulheres japonesas, devido à saída dos descendentes do meio rural para as cidades e por uma

crença de que se casasse com japonesa, o bebê nasceria amarelo, pois, acreditava-se que era a mulher a responsável pela aparência da criança.

Sempre teve aquela pressão pra ficar com os da própria raça, descendentes. É que o pessoal mais antigo tinha aquela ideia que a pessoas da própria descendência se adaptaria melhor. Mas mesmo dentro dos japoneses tem os bons e os ruins também. Tanto é que o único que casou com descendente foi o meu irmão terceiro. (Bruno)

André disse que se casaria com nikkei só se fosse para seguir a tradição, mas que não via necessidade disso. Gustavo contou ter sido criado fora da tradição e longe do contato com os avós japoneses, acreditando que sofreria se casasse com nikkei por não compartilhar os mesmos costumes. No entanto, Tiago, cujos pais seguem rigidamente as tradições, disse preferir brasileiras não descendentes, porque já conhece demais os costumes e gostaria de se relacionar com alguém que fosse diferente. Assim, mesmo com a pressão social para se casar com nikkei, os homens sugeriram certa autonomia para decidir se namorarão e casarão com mulheres da mesma descendência ou não, sendo que todos afirmaram não ter se relacionado com nikkeis até a data da entrevista, utilizando justificativas diversas para tanto.

A gente já sabe que a cultura, como que é a cultura do nihonjin [japonês], né? E que a cultura da outra pessoa é legal, parecida com a sua, parece que isso faz com que a gente tente procurar uma coisa diferente, né? É engraçado, eu nunca me interessei por uma, alguém japonês! [risos] Queria alguém diferente, né? (Tiago)

Quanto às mulheres entrevistadas, três disseram preferir nikkeis como parceiros amorosos e apenas uma afirmou preferir os brasileiros por serem mais amorosos, apesar de considerar difícil a convivência entre nikkeis e não descendentes no casamento devido à grande diferença entre as culturas japonesa e brasileira. As tradições parecem afetar diretamente a maneira como elas concebem os possíveis parceiros, pois, em seus discursos a descendência japonesa do homem garante uma sensação de segurança a elas quanto a saber o que esperar da relação. Homens não descendentes de japoneses são menos compromissados e responsáveis, enquanto, nikkeis são considerados mais sérios, comprometidos e “para casar”.

Eu acho que quem cresce no meio da tradição japonesa acho que a gente tem aquela consciência de, dá a sensação de estabilidade do casamento, daquela coisa estável. Já com o não descendente, pelo menos eu particularmente, eu não sei se eu me sentiria tão segura com relação assim de... A cultura ser muito diferente, né? (Bianca)

Eu acho que eles [nikkeis] eram mais... Eles queriam namorar mesmo. Eram mais compromissados, eram mais intensos. (Carina)

Suda (2005) sugere que a maneira como brasileiros e os próprios nikkeis concebem os descendentes de japoneses relaciona-se às características como trabalhador, estudioso, esforçado e honesto. Esta imagem clássica pode ser observada no discurso das participantes. Diferentemente, os homens possuem uma visão mais igualitária, em que as diferenças sociais excludentes parecem não estarem

presentes. Assim, o gênero é um fator determinante na maneira como nikkeis compreendem brasileiros e descendentes de japoneses enquanto pretendentes afetivos. Apesar de não haver uma proibição social rígida como a que sofriam os nikkeis de primeira e segunda geração, ainda existe uma indicação velada de que o melhor partido para o casamento é aquele da mesma etnia - o nikkei, indicação que não parece determinar a decisão dos homens descendentes de japoneses, mas fundamental na visão das mulheres entrevistadas.

A escolha do(a) cônjuge

Nenhum dos homens participantes relatou ter namorado descendentes de japoneses, diferente das mulheres entre as quais apenas uma não namorou nikkei, e ainda assim considerava difícil a convivência conjugal entre brasileiros e nikkeis. Todos os homens disseram ser a aparência física o primeiro elemento que chama a atenção na escolha da parceira, mas é a existência de um objetivo em comum para o casal que justifica a continuidade do namoro. Segundo André e Bruno, o desejo de migrar para o Japão foi decisivo para a união entre os casais, principalmente por suas namoradas não serem nikkeis.

Foi assim pela aparência, né? Que a gente, a primeira coisa que a gente acha, que a gente gosta, né? E depois o jeito de ser... A gente tinha o mesmo objetivo de trabalho, de melhorar de vida e estudar e isso foi só aumentando na verdade, né? (André)

É o objetivo em comum que une o casal criando um vínculo afetivo mais intenso, que pode estar associado ao sentimento de completude que

Nóbrega, Fontes e Paula (2005) relatam ser o amor. É importante ressaltar que para dois dos entrevistados esses objetivos eram migrar para o Japão, no entanto eles não procuraram garotas nikkeis para compartilhar esse desejo - que seria o esperado devido à proximidade com os costumes e idioma japoneses. Lutar junto para alcançar a meta, ainda mais quando ela exige sacrifício [deixar a família e o país para migrar para o Japão e trabalhar pesado sem ser nikkei], pode ser considerada uma grande prova de amor.

É importante notar que a figura da esposa brasileira torna-se o oposto da figura japonesa, visto esta última ter obrigações diárias diferentes das do marido: administrar o dinheiro da casa, não trabalhar fora, cuidar da limpeza e alimentação, sendo que a brasileira é que mostra-se disposta a trabalhar juntamente com o marido, a enfrentar a mudança de país e idioma e cultura novos para financeiramente conquistar com ele melhores condições de vida.

É uma ótima pessoa [esposa]. É honesta, é boa filha! E principalmente foi desprendida porque aceitou casar e ir pro Japão comigo. E se deu muito bem. (André)

Ainda assim, traços no discurso de André também remetem à visão tradicional de cônjuge, como “honesta”, “boa filha”, que também são evidentes nos discursos de Lia e Bianca.

O que me atraiu nele foi realmente a questão da integridade mesmo. Por ser uma pessoa muito correta. E, agora porque casei com ele, seria mais assim, acho que comodidade acho. (Lia)

Ele é quieto, extremamente certinho, extremamente quadrado até às vezes! Às vezes frio também, acho que até por conta da forma como ele foi criado também. (Bianca)

A pressão da família e da comunidade japonesa fica clara na entrevista de Lia, que oito anos após a separação e mesmo namorando um não descendente, ainda recebia incentivos dos pais e sogros para reatar o casamento por seu ex-marido ser “japonês”, de família conhecida e um bom partido que ela não deveria recusar. Essa pressão parece ter influenciado muito em sua decisão de se casar anos atrás. Seguir as tradições impostas pela sociedade, principalmente pelos pais, muitas vezes é a opção escolhida por ser uma situação cômoda (Torres, 2001), no entanto, Lia decidiu se separar depois de perceber-se solitária e compreendeu que seu parceiro sempre fora independente dela e da filha. Segundo Nóbrega, Fontes e Paula (2005), o amor é o desejo de ter o outro, e é exatamente a angústia de se perceber inacabado e incompleto que gera sofrimento e impulsiona o indivíduo a querer o outro. Assim, o amor não correspondido, ou seja, aquele que não cria uma relação de dependência do outro para com o indivíduo, resulta no sofrimento, uma vez que este se percebe sozinho sem a completude desejada.

Vários participantes relataram ter sofrido com o rompimento do relacionamento anterior, assim como seus respectivos parceiros, e sugerem que compartilhar com o outro esse sofrimento fortaleceu a relação. Assim, além da beleza física, o apoio que um encontrou no outro foi importante para o aprofundamento do vínculo amoroso. Bianca relatou ter pedido à colega de trabalho no Japão, para apresentá-la a algum jovem solteiro, ou seja, através

de um mial, porque estava sofrendo demais com a solidão após o término do namoro.

(...) eu depositei muita dependência em cima dele [ex-namorado]. E assim que a gente terminou eu fiquei meio na lama, né? Então, na época que eu conheci o P., nossa ele me tirou de um buraco. É... Eu tava na lama mesmo. (Bianca)

Desta maneira, interferem na escolha do cônjuge a aparência física, num primeiro momento, e o envolvimento afetivo resultante da descoberta de afinidades entre o casal, aprofundando o relacionamento e oferecendo um sentimento de completude.

O cotidiano doméstico

Segundo Araújo e Scalon (2006), o modelo clássico de relações conjugais vem sendo substituído por um padrão moderno dual, em que as mulheres continuam sendo as principais cuidadoras, mas trabalham em casa e em empregos assalariados. Entre os oito entrevistados, no discurso de Marina e Carina observa-se um modelo de relacionamento moderno dual. Todos trabalham e fica a cargo das mulheres a responsabilidade pelo trabalho doméstico. Marina e Carina disseram que seus ex-maridos não ajudavam nos afazeres da casa. Contudo, no discurso de Gustavo, Bruno e André, a divisão do trabalho doméstico com as esposas parece igualitária, podendo haver características sutis que indiquem o pensamento tradicional masculino quanto a dividir as tarefas domésticas na tentativa de ajudar as esposas e não por sentirem-se igualmente responsáveis.

Tem dia que sou eu que cozinho, dia que to de folga. [...] Tem dia que ela

tá muito cansada [...] eu faço a janta, mas, o dia que eu não to aqui, ela se vira e faz comida pra todo mundo. [...] limpar a casa, o serviço mais pesado sou eu que faço, arrastar os móveis pesados, arrastar os tapetes, sou eu porque a minha mulher é pequenininha [...] (Gustavo)

Os mesmos também afirmaram dividir os salários e as contas, planejar as férias e os gastos juntos. Segundo Torres (2001), processos de conjugalidade estão propensos a terem mais sucesso quanto existe partilha e autonomia. As relações descritas possuem uma característica mais afetiva de parceria e colaboração que “exclusivamente romântica ou aventureira” (p.61).

Como o tempo é curto a gente deixa alguma coisa pronto. Tem que pegar o filho na escola [...] Eu percebo que sou mais estourado, porque ela estuda agora. Além do meu trabalho, preciso fazer os afazeres da casa, e minha filhinha tem três anos e tenho que dar banho e tal. [risos] Mas a gente vai levando numa boa. (Bruno)

Segundo Araújo e Scalon (2006), a modernização das sociedades contribui para o enfraquecimento dos papéis tradicionais baseados no gênero, permitindo mudanças na conjugalidade, que tende a se tornar mais igualitária. Contudo, no discurso de Tiago encontramos um exemplo de relação clássica “homem provedor” e “mulher cuidadora”, em que ele trabalha fora e ela cuida da casa, dos filhos e administra o dinheiro:

[...] ela é do lar, parece que ela tinha vontade de trabalhar, né? [...] Se ela quiser ela vai trabalhar, mas desde que não comprometa a educação dos filhos ou o lar, né? E é um dom que

ela tem [administrar os gastos da família]. Ela tinha um caderninho que ela tem até hoje. (Tiago)

No discurso de Tiago elementos tradicionais, como o uso de “lar”, que remete a uma visão romântica em que a família nuclear torna-se refúgio. Ou seja, mesmo com as conquistas do movimento feminista na década de 1970, ainda se mantém práticas clássicas que não acompanham as mudanças sócio-econômicas, mas que estão cada vez mais enfraquecidas devido à ideologia do individualismo que relaciona o trabalho assalariado à possibilidade de realização pessoal feminina, gerando conflitos conjugais ao se opor ao padrão tradicional que localiza o homem como detentor do poder (Giddens, 1993; Araújo & Scalon, 2006).

Também podemos relacionar a dinâmica doméstica narrada por Tiago como muito influenciada pela cultura japonesa. Ele descreve ter crescido em meio a ritos e costumes japoneses dentro de casa, e seu relacionamento estampa o modelo japonês conjugal da mulher cuidadora do lar e das finanças, possibilitando que o marido apenas se preocupe com o trabalho.

Marina e Camila vivenciaram relacionamentos em que assumiam uma dupla jornada de trabalho [em casa e no trabalho assalariado] e o cônjuge não assumia o papel masculino de homem provedor nem de parceiro, mas trabalhava fora de casa e não aceitava dividir as tarefas domésticas, nem que a esposa ganhasse um salário superior ao seu. Este pode ser um exemplo de “egoísmo” a que Goldani (1993) se refere, resultante de um excesso de atenção do indivíduo a ele próprio. O autor considera esta uma consequência do mundo pós-moderno, por acreditar que o individualismo leva

as pessoas a pensarem objetivamente sobre seus próprios problemas, esquecendo-se de refletir sobre outras questões, como as desigualdades sociais e de gênero.

No relato das duas participantes notamos que houve uma mudança de uma família, em princípio nuclear, para monoparental devido à separação. Já os maridos separados sem contato com os filhos constituem famílias unipessoais. Medeiros (2002), explica que esses novos modelos familiares são cada vez mais comuns e consequência de um individualismo “egoísta”, como se referiu Goldani (1993). Esta seria uma das consequências da modernidade.

Vida profissional e o controle financeiro

A divisão social do trabalho com aparente aceitação masculina da mulher fora de casa, o casal assumindo junto as tarefas domésticas, despesas e cuidados das crianças ainda não é unanimidade (Araújo & Scalon, 2006), contudo, nos discursos de André, Bruno e Bianca verificamos a possível influência de uma diferença cultural que parece afetar principalmente jovens migrantes de kasseguis: a experiência no Japão de dividir a maior parte das tarefas domésticas e as despesas devido à dificuldade temporal imposta pelas longas jornadas de trabalho e o objetivo de acumularem dinheiro para voltar ao Brasil. Podemos pensar que casais que migraram juntos, como o caso de Bruno, André e suas respectivas esposas, prepararam-se previamente para uma vida conjugal assim. O caso de Lia pode ser diferente se considerarmos a aparente recusa de seu esposo a se envolver afetivamente, dificultando o diálogo e a criação de metas que direcionem a uma divisão mais igualitária das tarefas. Bianca e

Carina conheceram seus parceiros amorosos no Japão, sem que houvesse um planejamento da partilha das tarefas. Seus relatos indicam companheiros com uma visão tradicional de relação, o que gerava conflito no casamento por não aceitarem a busca das esposas por uma satisfação profissional e a mudança de comportamento que esta exigia.

Bianca, em particular, apesar de ser casada com um marido com ideias tradicionais de esposa/esposo, trocou de posição com ele. Quando voltou do Japão casada, retomou os estudos e conseguiu um trabalho assalariado. O marido não quis voltar a estudar, não trabalhava, mas administrava as despesas da casa e se responsabilizava pelas tarefas domésticas. Ainda assim, ela se queixa que o marido não aceitava essa situação, mas que chegou a pensar que o casamento poderia realmente atrapalhar sua carreira universitária e profissional.

Eu não quero trabalhar [...] pra eu ficar independente dele, sei lá e eu dar um pé na bunda dele, sabe? Acho que hoje ele vê isso, mas no começo já não, no começo que eu comecei a estudar eu acho que pensei que realmente o casamento ia me atrapalhar, mas hoje não. [...] Ele já sabe como é a situação mesmo, eu já sei qual é a situação dele também, então, junto acho que a gente aprendeu bastante também. (Bianca)

Atualmente o casal continua negociando seus papéis como marido e mulher. Bianca terminou a faculdade e seu esposo retomou os estudos depois de dez anos aproximadamente. Ela descreveu ser difícil essa negociação e a adaptação às contingências que se expõem, mas observou também que o marido está mais flexível e que se sente satisfeita com tantas conquistas alcançadas na vida profissional.

Vida nova pra ele e não deixa de ser pra mim também, né? Então, ele tá indo pra parte dos estudos e eu to me empenhando pro meu serviço. E é aquela fase que a gente tá assim, um aprendendo a respeitar a nova rotina de cada um, né? (Bianca)

Desta maneira, a construção de um feminino e masculino, do estilo de vida e das estruturas familiares pode ser vivenciada de diversos modos devido às grandes mudanças ocorridas na modernidade e também às tradições que permanecem. Mesmo com as diferentes possibilidades de organização familiar, o modelo socialmente considerado legítimo ainda é a família conjugal, fato intensificado com a influência da cultura japonesa, extremamente rígida neste aspecto; permitindo que as pessoas vivenciem conflitos e ambiguidade na vida doméstica devido às diferenças de concepções tradicionais e modernas (Medeiros, 2002), como observamos nos discursos dos participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se investigar com esta pesquisa se nikkeis de terceira geração recebiam influências culturais japonesas relevantes no processo de escolha do parceiro amoroso e da conjugalidade. Conseguiu-se identificar traços culturais de ambos os países em questão no discurso dos entrevistados.

Faz-se necessário ressaltar que não foi nosso objetivo considerar os resultados representativos da comunidade nikkei brasileira, visto ser esta uma pesquisa qualitativa e exploratória que abordou um número relativamente reduzido de homens e mulheres entrevistados. Também destacamos que nosso intuito não era realizar uma análise geracional, mas indicamos para futuras pesquisas tal

proposta por considerarmos a importância dos dados que poderão ser encontrados para a compreensão das dinâmicas culturais em questão.

As diferenças de gênero puderam ser observadas nos discursos dos(as) participantes, levando-nos a entender que quanto à decisão de se relacionar amorosamente com descendentes ou não de japoneses, homens são menos tradicionalistas que as mulheres não indicando preferência por nikkeis, enquanto as entrevistadas apresentaram um discurso com vários aspectos tradicionais que mantêm uma imposição social da colônia japonesa no Brasil de que descendentes devem-se casar com descendentes, estabelecida desde o início da imigração japonesa e que se sustenta com menos intensidade e força até os dias atuais.

Quando falaram sobre os(as) parceiras(os), aspectos tradicionais e atuais das culturas japonesa e brasileira encontram-se presentes nas entrevistas de ambos os sexos. Há uma tendência a considerar características estereotipadas dos japoneses como bem valoradas (esforçados, trabalhadores, dignos, corretos, entre outros). No entanto, as práticas descritas pelos participantes indicam relacionamentos conjugais mais igualitários, sem que possamos afirmar se estes ocorrem de fato ou se permanecem no discurso.

No que tange ao cotidiano conjugal, os relatos foram variados, sendo apresentadas dinâmicas domésticas clássicas e atuais. Em geral, três dos quatro homens relataram divisões igualitárias quanto às atividades domésticas e de cuidado com os filhos. Apenas um apresentou características típicas de uma relação conjugal tradicional japonesa, demonstrando grande influência cultural dos pais e avós tradicionalistas com quem cresceu. Em relação às mulheres,

todas demonstraram a necessidade de alcançar satisfação profissional e relataram ter enfrentado dificuldades nos relacionamentos amorosos para conciliar vida doméstica e profissional. Araújo e Scalon (2006) indicam que apesar de a mulher procurar a realização pessoal no trabalho, a vida doméstica ainda remete aos principais espaços de reprodução material e produção simbólica, intensificando as dificuldades de lidar com as imposições sociais e culturais brasileiras e japonesas e os próprios desejos em meio à dinâmica conjugal.

Sugere-se para futuras pesquisas o estudo do tema considerando fatores como diferenças de idade, religião e profissão, que não foram consideradas neste estudo, mas são relevantes para uma compreensão mais profunda da cultura e da conjugalidade relacionadas às influências culturais japonesas e brasileiras.

Para o êxito do casamento não basta solidariedade e responsabilidade, não basta amor, não basta empenho. É da articulação de todos estes elementos, temperando-lhes as doses em função dos referentes culturais e sociais, que se constrói a configuração específica do êxito da conjugalidade (Torres, 2001, p. 61).

Acredita-se que este trabalho reafirma a complexidade das relações conjugais diante de influências culturais tradicionais e pós-tradicionais, e salienta um outro desafio para os nikkeis e seus cônjuges, refletir sob a influência da cultura japonesa, que possui aspectos clássicos rígidos quanto a ser esposa e esposo, e da brasileira que apresenta-se mais flexível, sobre suas relações conjugais e sociais em geral.

REFERÊNCIAS

- Araújo, C., Picanço, F., Scalon, C. (2008) Percepções e práticas de gênero em perspectiva comparada. Em Costa, A. O., Sorj, B., Bruschini, C. & Hirata, H. *Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais* (pp.227-243). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Bardin, L. (2002) *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Birello, V. B.; Lessa, P. (2008) A imigração japonesa do passado e a imigração inversa, questão gênero e gerações na economia. *Divers@ Rev. Elet. Interdisc.*, Matinhos, 1 (1), 68-82.
- Figueroa-Saavedra, M. (2004) La situación laboral de la mujer en Japón. *Cuadernos de Relaciones Laborales*, 2 (22), 167-195.
- Gianordoli-Nascimento, I. F.; Trindade, Z. A. (2002) O que fazer quando o coração aperta? A dinâmica conjugal pós-infarto. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, 1 (18), 107-115.
- Giddens, A. (1993) *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP.
- Goldani, A. M. (1994) *Retratos de Família em Tempo de Crise* (numero especial). Estudos Feministas, CIEC/ECO/UFRJ.
- Hirata, H. (2002), Reorganização da produção e transformações do trabalho: uma nova divisão sexual? Em C. Bruschini e S. G. Unbehaum (orgs.), *Gênero, democracia e sociedade*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Editora 34.
- Kawamura, L. (2008) Família, mulher e cultura: impactos da migração para o Japão. Em Sakurai, C., Coelho, M. P. (Org). *Resistência e integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil* (pp. 166-179). IBGE, Centro de Documentação e Discriminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE
- Lesser, J. (2001) *A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Ed Unesp.
- Medeiros, M. G. L. (2002) Novos Arranjos Familiares: inquietações sociológicas e dificuldades jurídicas. In: *XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*. Ouro Preto.
- Nemoto, K. (2008) Postponed marriage: exploring women's views of matrimony and work in Japan. *Gender & Society*, 2 (22), 219–237.
- Ninomiya, M. (2002) *A imigração japonesa: passado, presente e futuro*. Cadernos da Memória nº 5. São Paulo: Museu da República.
- Nóbrega, S. M.; Fontes, E. P. G.; Paula, F. M. S. M. (2005) Do amor e da dor: representações sociais sobre o amor e o sofrimento psíquico. *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas, 1 (22), 77-87.
- Pinsky, C. B. (2009) Estudos de Gênero e História Social. *Revista Estudos Feministas*, 1 (17), 159-89.
- Raymo, J. M.; Ono, H. (2007) Coresidence with parents, women's economic resources, and the transition to marriage in Japan. *Journal of Family Issues*, 5 (28), 653–681.
- Rossini, R. E. (2007) Migração dos dekasseguis do Brasil na terra do sol nascente: Tendências atuais. In: BECERRIL, J.G. Gonzales (coord.), *Migración Internacional: efectos de la globalización y las políticas*

migratorias. Gobierno del Estado de Mexico. COESPO. México, 13-24.

Sakurai, C. (2007) *Os japoneses*. São Paulo: Contexto.

Sakurai, C. (1987) *Romanceiro da imigração japonesa*. São Paulo: Nobel.

Sakamoto, K. (1999) Reading Japanese women's magazines: the construction of new identities in the 1970s and 1980s. *Media Culture Society*, London, Thousand Oaks, New Delhi, 2 (21), 173-193.

Sasaki, E. (2006) A imigração para o Japão. *Estud. av.*, São Paulo, 57 (20), 99-117.

Sorj, B. (2005) Percepções sobre esferas separadas de gênero. In: Araújo, C.; Scalon, C. (Orgs.) *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 79-88.

Suda, J. R. (2005) *Identidade social em movimento: a comunidade japonesa na Grande Vitória (ES)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo.

Torres, A. (2001), Casamento e gênero: mudanças nas famílias contemporâneas a partir do caso português. *Revista Interseções*, 3 (2), 53-70.

Ueda, A. (2007) A dynamic decision model of marriage, childbearing, and labour force participation. *The Japanese Economic Review*, 4 (58).

Wawzyniak, S. M. (2009) Contornos e representações familiares: a constituição da família Japonesa no Brasil. Em: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Colóquios, Recuperado em 05 de

janeiro de 2010 de
<http://nuevomundo.revues.org>

**LA ELECCIÓN DE UNA PAREJA
ROMÁNTICA Y LAS PRÁCTICAS
MATRIMONIALES ENTRE JAPONESES
BRASILEÑOS**

RESUMEN

Esta investigación investigó los conceptos de la pareja y las prácticas matrimoniales de descendientes japoneses, hombres y mujeres, casados o separados de amar, y se abordaron cuestiones relacionadas con la elección de la pareja, el amor, el matrimonio y la vida doméstica juntos. Para el análisis de los datos se utilizó la técnica de Análisis de Contenido y la contribución de las teorías de género. El análisis indicó influencias de la cultura tradicional brasileña, el amor romántico, y el individualismo en las entrevistas, y las influencias culturales tradicionales japonesas. Se observaron diferencias de género, principalmente en el discurso femenino, lo que indica la dificultad de tener socios a aceptar la independencia económica de la mujer y la división de tareas. Aún así, tres de cada cuatro encuestados indicaron que divide las tareas y querer la mejora profesional de la mujer.

Palabras clave: japonés, el matrimonio,
género.